

Relatório sobre a ICANN 84 Henrique Faulhaber

A participação na ICANN84 Annual General Meeting, realizada em Dublin em outubro de 2025, permitiu-me acompanhar de perto a evolução recente da governança da internet em um momento de mudança relevante, marcado pela convergência entre desafios técnicos, pressões regulatórias e novas dinâmicas associadas ao uso crescente de inteligência artificial.

Ao longo das sessões, ficou claro que o sistema de nomes de domínio (DNS) continua sendo um elemento central da infraestrutura da internet, mas agora inserido em um ambiente muito mais complexo e dinâmico.

Do ponto de vista técnico, um dos temas mais recorrentes foi o aumento da sofisticação dos ataques ao DNS, com destaque para o papel crescente da inteligência artificial. Esse tema apareceu de forma estruturada tanto em sessões do GAC sobre tecnologias emergentes quanto nas discussões do ccNSO Tech Day.

No Tech Day, Hailan Wang apresentou a visão de que o DNS, por ser uma infraestrutura altamente baseada em dados, é particularmente adequado para o uso de inteligência artificial. Sua análise destacou que os métodos tradicionais de mitigação de abuso são essencialmente reativos e cada vez menos eficazes diante de um cenário em que ataques passam a ser gerados e ajustados de forma dinâmica.

Essa leitura foi amplamente compartilhada pela comunidade técnica. Ficou evidente que estamos diante de uma mudança no padrão dos ataques: o problema deixou de ser apenas o volume e passou a envolver capacidade de adaptação e personalização. Além disso, os ataques estão se tornando mais difíceis de identificar pelos sistemas tradicionais, conseguindo contornar mecanismos de detecção já conhecidos, o que cria uma assimetria crescente entre atacantes e mecanismos tradicionais de defesa.

Essa preocupação aparece de forma direta nas discussões sobre abuso de DNS no âmbito do GAC. Durante os debates sobre a próxima rodada de domínios, Susan Chalmers, representante dos Estados Unidos, adotou uma posição cautelosa em relação à expansão do espaço de nomes. Sua intervenção destacou que a introdução de novos domínios tende a ampliar a superfície de ataque e, por isso, deve vir acompanhada de salvaguardas robustas já na fase de definição das regras.

No campo dos ccTLDs, as discussões reforçaram a percepção de que esses domínios são hoje infraestruturas críticas nacionais. As sessões conduzidas

por Bart Boswinkel e Claudia Ruiz, no Country Code Names Supporting Organization, mostraram um consenso entre operadores de diferentes regiões sobre a necessidade de reforçar a resiliência operacional e ampliar a integração com políticas públicas.

A mensagem central é que os ccTLDs deixaram de ser apenas ativos técnicos e passaram a desempenhar um papel relevante em temas como segurança, continuidade de serviços e resposta a incidentes.

Nesse contexto, o Brasil mantém uma posição de destaque, tanto pela robustez da operação do .br quanto pelo modelo multissetorial do Comitê Gestor da Internet no Brasil, frequentemente reconhecido como referência internacional na articulação entre dimensões técnicas, institucionais e de políticas públicas.

Outro eixo importante da reunião foi a preparação para a próxima rodada de novos domínios genéricos de topo (gTLDs). Nas sessões dedicadas ao tema, lideradas por Lars Hoffmann e Marika Konings, ficou evidente uma abordagem mais estruturada em relação ao ciclo anterior.

Na rodada de 2012, a arrecadação da ICANN veio principalmente de três frentes: taxas de inscrição das 1.930 candidaturas, a US\$ 185 mil cada (cerca de US\$ 357 milhões brutos); receitas de leilões para resolver disputas entre candidatos (aproximadamente US\$ 240,6 milhões brutos e US\$ 233,5 milhões líquidos); e, depois da delegação dos TLDs, a entrada de receitas recorrentes de registry fees pagas pelos operadores dos novos domínios.

Para a rodada de 2026, mesmo que haja uma pequena queda de arrecadação, ainda deveremos ter mais de US\$ 500 milhões de recursos circulando na ICANN, fora os valores anuais de fees nos anos seguintes, o que explica, do ponto de vista econômico, a importância do tema.

Foi enfatizada na reunião a complexidade do processo e a importância de garantir previsibilidade e segurança regulatória para os participantes.

Além disso, essas discussões mostraram uma mudança importante na forma como os gTLDs são percebidos. Eles deixam de ser vistos principalmente como instrumentos de branding e passam a ser entendidos como elementos ligados à infraestrutura da economia digital, especialmente em áreas como identidade, serviços digitais e organização de dados.

As discussões sobre abuso também ganharam profundidade nas sessões conjuntas entre GAC e ccNSO. Nesse contexto, Gabriel Andrews, representante do FBI, trouxe uma visão baseada em casos reais, mostrando como estruturas de fraude digital vêm utilizando o DNS de forma cada vez

mais sofisticada. Ele destacou práticas como o registro massivo de domínios e o uso de variações visuais para enganar usuários, reforçando o papel do DNS em esquemas mais amplos de fraude.

Por fim, as discussões em Dublin refletiram transformações mais amplas na governança global da internet. Em sessão dedicada ao processo WSIS+20, Ekitela Lokaale, cofacilitador das negociações no âmbito das Nações Unidas, apresentou uma visão que busca equilibrar o modelo multissetorial com a crescente centralidade dos governos nas negociações internacionais.

Sua posição reconhece a tensão entre esses dois modelos, mas também reforça a importância de manter canais efetivos de participação de outros atores, incluindo a comunidade técnica. Ele destacou ainda que as discussões globais precisam ser informadas por conhecimento técnico, e não apenas por posições políticas, o que reforça o papel de organizações como a ICANN e de atores como o CGI.br nesse processo.

Em síntese, a ICANN84 evidenciou um cenário em que o DNS continua sendo uma infraestrutura central da internet, mas cada vez mais inserido em um ambiente de disputa técnica, econômica e regulatória. O avanço da inteligência artificial, a ampliação do espaço de nomes com a nova rodada de gTLDs e as mudanças na governança global colocam novos desafios para a comunidade internacional e, em particular, para o NIC.br e o CGI.br.